

O cuidado de Adélia e o afeto de Paulo: conversa sobre educação e afetividade

Wesley Adriano Martins Dourado¹

Resumo: Neste texto se espera apresentar as relações entre educação, afetividade e cuidado a partir da obra educacional de Paulo Freire e da obra poética de Adélia Prado para reafirmar o papel político e comprometido com a libertação que a educação democrática deve desempenhar e ter.

Palavras Chave: educação, afetividade, cuidado, libertação, querer bem.

Abstract: This text presents the relationship between education, affectivity and care, based on the study of Paulo Freire's educational work and Adélia Prado's poetic work, bringing the intention of reaffirming the political role committed to liberation, which democratic education must have and perform.

Keywords: education, affectivity, care, liberation, "querer bem" .

Na prosa² de hoje procurarei apresentar alguns elementos do pensamento de Paulo Freire e Adélia Prado que apontam para a relação entre educação e afetividade. Entre os elementos que eu poderia apresentar para justificar este movimento, destaco a reviravolta nas prioridades educacionais e escolares que a pandemia, causada pelo coronavírus, gerou. Se reviravolta for uma palavra superlativa para a situação usemos, então, deslocamento, ainda que momentâneo das prioridades.

A quantidade de tempo e conteúdo (sempre considerados poucos pelos docentes), os processos de avaliação, as inegociáveis notificações de frequência e desempenho escolar, defendidas vigorosamente em nome de uma necessidade pedagógica, de uma coerência educacional, de uma clareza ou de um fluxo institucional e burocrático, cederam espaço para o possível, para o que é mais fundamental.

E o que agora se considera essencial não é estabelecido apenas em função dos objetivos educacionais, mas também diante das demandas existenciais mais urgentes. E é claro, não é agora que nos damos conta deste fundamento. Por certo, que a relação educação e vida não esteve apartada das experiências educativas, em qualquer nível da educação nacional, de modo que se tem conseguido realizar a tarefa mais fundamental da educação que é colaborar para forjar a humanidade das crianças num determinado lugar, na companhia de outras pessoas.

¹ Doutor em Educação pela Umesp. Docente de filosofia na rede municipal de São Caetano do Sul, nomeado para a função de gestor escolar. Docente da Universidade São Francisco e membro do Cemoroc-Feusp.

² Esse texto deu base a uma conferência virtual promovida pelo COMFOR-UFABC, da qual participei. O evento está disponível em: <https://youtu.be/y-OOvI-xZVA>. Acessado em 21 de janeiro de 2022.

Todavia, não se pode ser ingênuo e não reconhecer que muitas vezes e em muitos lugares a relação indicada foi reduzida a treinamento, memorização, entrada no mercado de trabalho, emprego. Provavelmente, é esta configuração de trabalho educacional que agora se vê constrangida, posto que está impedida de manter a potência da quantidade e do tempo e não pode evitar o desespero de quem não passa fome, de quem não conta as moedas para pagar o transporte público, diante do risco que a pandemia pode trazer para suas filhas e seus filhos.

Onde a relação entre educação e vida se manteve vigorosa, nunca se ignorou como as dores dos pobres, o sofrimento dos miseráveis, impactavam a experiência educativa. É certo que ela não resolverá sozinha as situações objetivas que entristecem as crianças, que fazem os adolescentes perderem a esperança, que destroem as expectativas das famílias. Todavia, esta secular pacífica convivência com a cruel desigualdade, existente em muitos setores da sociedade brasileira, não se constrangia em intimamente dizer: trata-se dos que vivem paupérrimas condições. Estes que fazem parte da retórica política, mas poucas vezes das práxis transformadoras da realidade de nossas cidades e escolas.

Quando todos fomos trancados em casa, distanciados dos pátios e salas escolares, fomos forçados a perceber que há na educação um aspecto mais fundamental. Que se diga: a conservação dos hábitos têm os seus defensores: fala-se em continuidade em 2021, em recuperação dos conteúdos, mas estão impelidos a reconhecer que o essencial é que também a escola cuide de manter as crianças animadas com a vida, envolvidas com as alegrias possíveis que a experiência educacional remota pode oferecer.

A situação das filhas dos pobres, dos filhos dos miseráveis deste país se agravou. Não apenas em função dos “atrasos” educacionais pela falta de acesso aos recursos tecnológicos, mas, também da redução ou mesmo falta de acesso à merenda, às possibilidades de higiene, de algum distanciamento de cenários de violência, situações que bem revelam como as instituições sociais ainda carecem de eficiência e integração: a escola acaba sendo o lugar de atendimento das outras demandas das crianças. Assistente social, dentista, oftalmologista, segurança no trânsito, palestra sobre o uso de drogas, sobre doenças sexualmente transmissíveis, tudo é feito na escola.

O fato é que - eu mal comecei e já me desviei do tema - agora que não é possível bater as metas de quantidades de conteúdo, de discentes aprovados nesta ou naquela instituição de ensino superior, é tempo oportuno para reaprender com Paulo e com Adélia que, neste momento e em qualquer instante, os caminhos educacionais precisam se manter convergentes com a tarefa basilar de auxiliar as crianças na construção da sua humanidade e na invenção de outros êthos.

O afeto de Paulo: compromisso com os educandos.

Quem já teve contato com a obra de Paulo Freire sabe que a sua concepção educacional entende que a educação tem compromisso com a transformação objetiva da realidade. Sem ingenuidade reconhece que a educação não realizará sozinha esta nova realidade, mas ela não pode se furtar de participar desta construção. E trata-se da amorosa utopia de construir um modo de ser e viver que espante a opressão, a indignidade, a desigualdade objetiva das sociedades humanas. E não se trata de uma inversão de papéis que permita que os oprimidos do mundo assumam o poder ou, ainda, não se trata do extermínio dos opressores no pior sentido que a palavra pode assumir. Trata-se, sim, de um projeto corajosamente humano de dedicar energia para edificar uma sociedade com a liberdade, a justiça para que todos habitem nesta casa com alegria, respeito e esperança. Todos!

A educação em sentido amplo, mas também, a educação escolar, participa deste processo esperançoso de construção suprimindo de si mesma todas as ações, práticas, métodos que silenciem as pessoas, que reafirmem as desigualdades, que alimentem as injustiças, que favoreçam as discriminações, entre outros aspectos. Este procedimento deve abrir caminho para o diálogo, para a consideração da cultura do lugar onde a experiência educacional se dá, para o reconhecimento do outro, para a seriedade e rigorosidade docente, para os saberes que os discentes já trazem em suas mochilas, para a criticidade, a boniteza, a ética, a coerência, o bom senso, o gosto pela autonomia e um tanto de outros saberes que o educador defende como necessários à prática educativa.

Nesta lista de saberes que comporão a experiência educacional comprometida com a construção de um novo jeito de ser e viver, encontramos aqueles que facilmente se referem à intersubjetividade e à afetividade. O título do primeiro capítulo - não há docência sem discência - indica que a relação é um dos saberes importantes para uma educação comprometida com a liberdade. Ao longo do livro “Pedagogia da Autonomia” Paulo Freire falará em alegria, em raiva de tudo o que nos impede de amar, em humildade, tolerância, compromisso político em defesa da educação e da docência, em esperança, convicção, curiosidade, em saber escutar, como saberes que também compõem a caixa de ferramentas de quem compreendeu que a educação é mais do que ensinar a ler, escrever, somar, dividir, multiplicar...

Quem entendeu que a educação colabora para a construção da humanidade das crianças, para a supressão das desigualdades objetivas que alimentam as injustiças e opressões, sabe que é preciso romper com a tristeza, a desesperança, a intolerância, pelo que, também os saberes indicados a pouco estarão no alforje da docência.

Mas como se ensina a alegria ou a esperança? Eis que tais saberes reivindicam a coerência dos sujeitos educacionais, especialmente dos docentes, pois tais saberes são vividos, são expressão de um modo mesmo de nos portarmos na vida e diante das pessoas. Poder-se-á falar sobre a tolerância, a humildade, mas diferente de outros conteúdos educacionais, tais saberes precisam antes serem percebidos naquilo que fazemos diariamente no nosso trabalho educacional.

Só ensinará a ler, escrever, somar, dividir, multiplicar para que as crianças ampliem a sua autonomia e criem gosto pela liberdade e pela justiça, quem efetivamente assumir tais saberes-afetos como valores existenciais e como convicção profissional.

Não me parece sem razão, portanto, que o último saber da lista que Paulo Freire apresenta, saber que encerra o livro “Pedagogia da Autonomia”, saber necessário para uma prática educativa para a autonomia, para a liberdade, seja o que ele denomina de “querer bem”. Parece sugerir que todos os demais saberes não cumprirão o seu papel educativo e transformador se não houver a afetividade. O educador afirma: “na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade” (1998, p. 159)

O querer bem é um saber que aponta para alguns aspectos.

O **primeiro** é a disponibilidade mesma de se deixar afetar pelos educandos e pela própria educação. Não há espaço para fingimento educacional: o fazer docente, e de todos os que se envolvem de algum modo com a educação, requer a coragem de reconhecer a indissociável relação da educação com a vida, com as perguntas e demandas de existir das crianças. É preciso gostar de gente e da educação! Uma vez mais: a educação não responderá a todas as demandas que chegam com as crianças na escola. O educador tem clareza disso. Todavia, a experiência educativa não pode ignorá-las o que permitirá reconhecer, por exemplo, a importância e a urgência da

integralidade dos serviços públicos de modo a garantir que os encaminhamentos sejam eficientes e colaborem com a construção da humanidade das crianças.

O **segundo** aspecto é que para Paulo Freire o querer bem não é bajulação, uma competição para ser escolhido o docente mais querido do ano, aquele que é chamado para a formatura ou convidado para as viagens ou festas. O querer bem é compromisso assumido com os educados na tarefa de oferecer-lhes as ferramentas que colaborarão para que forjem sua humanidade. É possível compreender, desde a obra mencionada, que o educador não entende que “gostaremos” de todos os discentes e/ou que “gostaremos” de todos do mesmo modo. O querer bem não é gostar, mas compromisso! Pode ser que não gostemos de todos os discentes, mas com todos temos o compromisso de bem realizar aquilo que Paulo Freire chama da “prática específica do ser humano” (p. 159): a educação. Por isso mesmo, dirá o educador, eu não posso corrigir a prova do discente que gosto com menos rigor. Com base nisso é adequado dar precisão à frase dita a pouco. O correto será dizer que a relação entre educação e vida implica em compromisso (e não gostar) com as pessoas e a educação.

O **terceiro** aspecto é que a afetividade é modo de conhecimento do mundo, pelo que Paulo Freire afirma que “a afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade” (p. 160). Mais do que retomar antiga controvérsia sobre a possibilidade do conhecimento estar na razão ou na sensibilidade, o educador parece afirmar que o ato de conhecimento é um ato afetivo. Vamos na direção do mundo por força dos motivos existenciais; queremos decifrar a realidade porque isso responde à curiosidade humana, porque alimenta a nossa intuição de que as coisas podem ser encaminhadas de outros modos; que nós mesmos podemos ser de outros modos.

O **quarto** aspecto é que o querer bem é um convite para uma postura esperançosa e alegre de viver. Seguramente, não quer o educador fugir das tensões da vida cotidiana ou que a educação não se envolva com os desafios do existir das crianças. Muito menos quer propor uma visão falsamente otimista da realidade. Trata-se de não roubar das crianças a esperança e a alegria de viver. A dores da docência não nos autorizam a entristecer as crianças na sua caminhada educacional de construção de si mesma. Novamente, não se trata de fingir para as crianças, de indicar a elas que o mundo é só riso. A estrita experiência educacional, requer esforço, empenho. A alegria da descoberta, de que fala Paulo Freire, implica que se investigue, que se gaste energia procurando, decifrando. A dureza da vida, todavia, não nos autoriza a defender que a caminhada deva ser sisuda, triste, enfadonha como se o sofrimento fosse o lugar de chegada da educação e da existência humana. A educação e a docência são lugares de cultivo da possibilidade humana e histórica de mudança! Assim, a alegria do caminho percorrido, dos passos dados com mais vigor, das dolorosas mudanças que se conseguiu encaminhar é o som que deve prevalecer nos gestos educacionais.

Por isso mesmo chegamos ao **quinto** aspecto: o querer bem requer resistência política em defesa da educação e da docência. E não se trata apenas de uma questão de classe, de conseguir melhores salários para que professoras e professores possam viver melhor. Há uma situação mais profunda: trata-se de assegurar as condições adequadas para aqueles que têm a tarefa de bem querer a educação e aos educandos, que têm a tarefa de garantir que as crianças - que ainda não podem ou não sabem defender ou reivindicar o seu direito a educar-se - tenham acesso a todos os conhecimentos possíveis, ferramentas que elas poderão usar para construir a sua humanidade. Assim, a defesa da educação e da docência se inscreve no bem querer, no compromisso assumido com as crianças de não lhes furtar o direito de aprender e ser como desejarem ser.

E esta resistência guarda relação com o **sexto** aspecto que eu chamaria de querer bem a si mesmo. Aceitar o desrespeito tacitamente, não apresentar-lhe objeção,

defende Paulo Freire, constitui-se em ameaça ao cumprimento do compromisso assumido com as crianças, posto que corrói, dirá o educador, a sensibilidade docente, a possibilidade mesma de que siga aberto ao bem querer. Não cuidar de si, não criarmos redes de colaboração para que nos apoiemos, implica no perigo de separarmos afeto dos atos educacionais.

O cuidado de Adélia

Adélia Prado, poeta brasileira de Minas Gerais, formada em filosofia e que por algum tempo atuou como professora, não construiu uma reflexão sistemática sobre a educação ou a docência. Todavia, o seu interesse pelas coisas ordinárias, pelo cotidiano das mulheres, dos homens, dos adolescentes, das crianças, a colocam diante da escola, um ingrediente da vida comunitária.

Assim, a sua obra está marcada, também, pelo que eu chamaria de situações escolares. No livro “Cacos para um vitral” (1991) a personagem principal chama-se Glória, uma professora. A personagem está às voltas com as desigualdades entre homem e mulher dentro sua casa (p. 34) quando, por exemplo, com muito esforço conseguia que Francisco, seu filho, ajudasse nas demandas domésticas.

Como professora, o desafio de Glória não é com a metodologia, com o trabalho docente propriamente dito, mas com aquelas situações que revelam como a educação segue reproduzindo preconceitos e com a tristeza de ver crianças, em tão tenra idade, sentindo com clareza o sentido das discriminações. Luís Estadeu, pretinho retinto afirma: “coelho é sinal de páscoa porque é branco.” (p. 14) Todo esforço de Glória foi insuficiente para livrar do preconceito que tão cedo as crianças vivem. A explicação não era suficiente para modificar o que se vivia. “Explicou, explicou, o menininho assentiu com a cabeça, mas a aula entornara-se. Ela sentia o mau cheiro do desânimo.” (p. 15)

No mesmo livro, um pouco mais adiante, numa conversa de Glória com seus sobrinhos, a percepção e o relato das crianças sobre a atuação docente revelam alguma insensibilidade.

Glória prestou atenção no seu sobrinho, queria guardar de cor sua pessoinha. A escola é boa, Murilo? – Nada. – E religião? – Chatice, a professora só dá isso, desde o começo do ano: manda abrir o livro e: façam o resumo, façam o resumo. Todo dia, façam o resumo. Eu acho muito ruim. – E missa, Murilo? – Aqui? É pior ainda, todo domingo a mesma coisa. Toninha entrou na conversa: “Titia, todo dia, dona Pífia, na hora do recreio toma guaraná na nossa frente, guaraná com pastel.” E Silvia: Você não acha, Glória, que é bem absurdo comer essa coisara na frente dos meninos? E por cima é grossa, não oferece. Não acho certo de jeito nenhum. Glória conversou com os meninos até que Silvia arrumou a cozinha e saíram as duas pra um voltinha. (PRADO, 1991, p. 27)

Na obra de Adélia Prado a figura da professora, do professor parece ser mais do que uma referência à docência. Apontaria para uma percepção do papel da escola ou mesmo da educação. O docente encarnaria um sentido educacional que, arrisco dizer, também apareceria em outros sujeitos educacionais. Tanto que no livro “Solte os cachorros”, na primeira prosa do livro, Adélia escreve: “Escola é uma coisa sarnenta; fosse terrorista, raptava diretor de escola e por três dias amarrava no formigueiro, se não aceitasse minhas condições. Meu menino tem cabeça ruda,

profissão boa pra ele é de mecânico. Quando acabarem as escola quero nascer outra vez” (PRADO, 2006, p. 07)

No trabalho docente, no trabalho do gestor há algo que não parece estar de acordo com o sentido da educação. Parece faltar sensibilidade no fazer educacional, algo que o próprio docente sabe, sente e sofre.

Glória, a professora do livro “Cacos para um vitral”, numa das conversas da sala de professores intui que ninguém pode viver sem sentimento, nem mesmo o docente no exercício do seu ofício, se pode concluir.

Minha vingança e o meu consolo é que todo mundo sofre. Coitada, apanhou um verniz porque trabalha em butique. É chegar em casa, acabou-se a princesa, é umbigo no fogão feito eu, ô tristeza esse mundo. Nada não é continuado, só ficar velho é que não para. Glória serviu o café, satisfeita com a hora do recreio que era a conversa metralhada da Constância, falando agora com sentimento, sem galhofa: meu pai ensinava: ninguém pode viver sem ilusão. Mas eu que conheci ele muito bem e conheço a vida, sei que não é ilusão o que ele queria dizer. Ilusão é coisa fraquinha, ilusão é bolha de sabão. Ele queria falar é sentimento, coisas que consolam e dão paciência, me fazem sossegar no ponto esperando a Glória de Deus. (PRADO, 1991, p. 43)

É curioso supor que também o docente se alegra com o recreio, com o que quero sugerir que também o docente, no exercício do seu ofício, se maltrata, sofre, distancia-se de si e do que há de fundamental no seu trabalho, quando falta sentimento, afeto no trabalho educacional. Seja no seu trabalho com os discentes, seja no ambiente onde o docente realiza a sua tarefa. A truculência de gestores colabora para que os afetos que animam, alimentam a esperança e o compromisso com as crianças sejam destruídos, condenando a docência e a educação a uma ação técnica, sem alegria, sem afeto.

Violeta, outra personagem professora de Adélia Prado no livro “Os componentes da banda” (1992), parece confirmar a predominância do descaso docente, de procedimentos escolares desconexos da própria realidade escolar, a dificuldade afetiva de lidar com as crianças, com as desigualdades sociais que não somem na trama escolar, no trato grosseiro que o bedel oferece às crianças na hora do intervalo e como este assim o faz com alguma anuência da direção. Escreve Adélia:

Acabo de perder o emprego de que tanto gostava. Estou outra vez devolvida à sala de aula, um desconforto muito grande. Não desaparece de mim a sensação de impropriedade da minha atuação. Estou sempre coberta de uma poeira de giz e ridículo. Na sala dos maiores dei três excelentes aulas, tão boas que a menina escreveu no quadro: ‘Viva a ótima professora Dona Violeta, professora nota 10!’ Ó meu Deus, é muito cansativo. Com os menores tenho feito joguinhos, brincadeiras, quando queria direto entrar no assunto. Me esforço para aprender a lidar com estudantes de onze anos. Por que será caí de novo no inferno desta coisa chamada escola? Uma gritaria e os meninos se amontoam nas janelas: ‘pega, pega!’ É a radiopatrulha que a supervisora da noite mandou chamar pra espantar uns pobres moleques gritando do lado de fora da cerca. ‘Enchi eles de matéria, não aguento mais a *intipatia* daquele bicha da 8.^a B’, é o corriqueiro da conversa da Leodita. A

merenda é paga. Quando me dei conta, devia ter mais de mês que a menina se postava no mesmo lugar, puro osso e olhos na baciinha de alumínio onde os privilegiados tomavam sopa. Em plena aula a cantineira abre a porta, sem bater: ‘ponho o que pra senhora hoje? Tem empada e biscoito frito.’ Sinto tanta vergonha que não tenho coragem de escolher. Põe qualquer coisa, falo bem depressa, pros meninos se esquecerem que eu posso escolher entre empada e biscoito frito. Da reunião de professores o que sobrou para nós foi um texto com ‘Os dez mandamentos do professor, o que devemos fazer para manter entre nós um ambiente de harmonia’. Dona Cenira ‘leu’ a reunião sem arriscar uma só frase fora do papel. Salústia olhou no relógio o tempo todo. Corália vendeu jóias para Lucrecia. A uma intervenção minha, Dona Cenira disse contrariada: ‘acho interessante, mas não posso fugir da pauta’ e voltou os olhos para o papel. Antevejo amarguras. Joaquim quer saber se concordo com o professor de religião: ‘o homem não veio do macaco e felicidade é só no céu’. Luto tanto antes de responder, procurando um jeito de não machucar ninguém, que o menino diz: ‘puxa, é a primeira coisa que Dona Violeta não sabe!’ É proibido fumar. Todo mundo fuma. O que se ouve é inacreditável: ‘como que eu posso fazer alguma coisa neste ambiente horrível? Os meninos não têm educação, as famílias não ajudam, são carentes demais!’ As professoras falam e têm as unhas grandes e polidas, os cabelos pintados de acaju, grande parte faz pedagogia, tem problemas de coluna e não vê a hora de arranjar coisa melhor. O bedel passa perto de uma rodinha de meninos fumando, faz que não vê, porque são muitos e valentes; descobre um coitadinho fumando escondido, traz pelas orelhas e sapeca-lhe, à frente de todos, três dias de suspensão ‘para servir de exemplo’. A direção tem este serviçal como seu braço direito. O caos organizado, não é assim a loucura? (PRADO, 1992, p. 22-23)

Violeta parece ser a expressão de um desespero, de uma profunda tristeza por estar envolvida numa experiência educacional que não ultrapassa a desigualdade, a insensibilidade; que reúne gente que encontra na docência apenas o seu sustento, mas nenhuma alegria no exercício do ofício, nenhum compromisso educacional.

Esta ausência de sentido e o sofrimento que experimenta a professora da prosa e cada um de nós, de novo, vai anestesiando o fazer educacional. Vamos encontrando um fluxo de trabalho que nos permita sobreviver, driblar ou mesmo fugir das tensões, das tristezas que entram dentro do ambiente escolar e, por vezes, encontram eco dentro das salas de aula e corredores ou o silêncio de quem não se deixa mais afetar.

O motivo da tristeza de Violeta de estar de volta dentro da escola - esta insensibilidade institucional, esta intencional falta de afetividade -, é o mesmo que leva a criança ao desespero.

No livro “Solte os cachorros” (2006) encontro o texto mais contundente sobre a escola e a docência, posto que denuncia esta incapacidade de ver como a educação escolar vai roubando das crianças sua alegria, sua curiosidade pelo mundo, promovendo sua tristeza e desespero, cultivando os afetos que separam, que desanimam, que atuam para construir uma humanidade cabisbaixa, cheia de temor. Escreve Adélia:

PAI QUE ESTAIS NO CÉU e dentro do meu coração, inclinaí vossos ouvidos para o meu sofrimento e tende misericórdia de mim que tenho

casa de cimento e vidro e não posso dormir no campo sob um manto de estrelas. Coisa dolorosa feita de barro e poeira, o homem no seu quarto, de noite, pelejando pra escrever no papel, com lápis, nó e tropeço, a dor do seu peito. É que nada apazigua, Deus me deixa sofrer. Mesmo depois que inauguraram com meu nome o Centro de Educação Para Mães e Moças, nem a mais mínima miséria se afastou de mim. Fico querendo a Bíblia muito mais velha que já é, porque quanto mais velha, mais perto de Deus, cujo lugar é o princípio. Não tem sentido o que digo? Ninguém se assuste se eu virar assassina. Eu já sou assassina, eu desejo a morte de tudo que obriga um menino a escrever: mãe, estou desesperado. O que é que eu faço, em que língua vou fazer um comício, uma passeata que irrompa nos gabinetes, nas salas dos professores que tomam cafezinho e arrotam sua incomensurável boçalidade sobre o susto de meninos desarmados? Fazem política, os desgraçados, brigam horas e horas pela aula a mais, o tostão a mais, o enquadramento, o quinquênio, o milênio de arrogância, frustração e azedume. Deus te abençoe, filhinho, vai pra escola, seja educado e respeitador, honra teu mestre. Mestre? Onde é que tem um mestre no Brasil pra que eu lhe beije as mãos? Já não basta ser gente pra encanecer de dor? Ainda têm as escolas que se aplicam neste esmero de esvaziar dos meninos seu desejo de bois, grama e pequenos córregos? Ó ofício demoníaco de encher de areia e confusão o que ainda é puro e tenro cálice. Não quero dar aulas, ó meu Deus, me livra desta aflição, me deixa dormir, me deixa em paz, aula de nada, de nada, aula de religião eu não quero dar. Falo e me aflijo porque sei que não tem outro caminho senão começar de baixo, de trás, do fim da história, quando Deus pega Adão e lhe mostra as coisas, lhe deixa dar nome às coisas, lhe deixa, deixa, ruminando seu espanto, sua alegria, sua primeira palavra... O senhor presidente, ó senhor ministro, escuta: o menino foi à escola e escreveu a sua mãe: estou desesperado. Escuta quem tenha ouvidos: os meninos do Brasil fenecem entre retórica, montanhas de papel e medo. Entre ladrões, como Cristo na cruz. (PRADO, 2006, p. 47-48)

O que tento indicar com estes destaques é que, também em Adélia Prado, a percepção da educação ou da escola ou da docência guarda íntima relação com os afetos, com o enfrentamento das desigualdades que chegam na mochila das crianças e daquelas que são inventadas dentro do próprio fazer da educação escolar. A experiência educacional esvaziada de sentido, de compromisso com as crianças se transforma em fonte de tristeza para as meninas e os meninos e de sofrimento para docentes. Também no livro “Solte os cachorros” Adélia Prado evidencia a compreensão de que o ato educacional implica num compromisso com as crianças. Escreve a poeta:

Eu não sei o que estou fazendo aqui na sala dos professores, morrendo de sono neste horário vago que eles chamam feiamente de buraco. Não sei por que eu dou aulas. Rasamente eu sei: eu me sinto na obrigação de fazer qualquer coisa pelo Reino de Deus. Profundamente, se tivesse garantias de que não pecava, ia fazer o que gosto, isto é, nada. Mas um nada muito produtivo. De braços no chão, apesar da minha idade, ia tourear formigas. (PRADO, 2006, p. 33)

Por certo que sabem que, na tradição cristã, sob a inspiração do que se lê no texto bíblico, só herdará o reino dos céus quem for como criança. Eis porque se dá aulas: é nossa obrigação fazer algo pelas crianças.

E é neste sentido que se pode propor a ideia da educação como cuidado. Torcerão o nariz, talvez, posto que isto poderia apontar para uma redução do trabalho docente. Isto se dará se, por cuidado, se entender que se trata de vencer as demandas corporais de bebês ou crianças bem pequenas. O cuidado aqui diz respeito a uma compreensão de que enquanto ensinamos os conteúdos que sabemos, sob a tutela de objetivos educacionais, devemos assumir que o que de fato fazemos é cuidar das crianças. Mais do que ensinar o que ensinamos, oferecemos às crianças, adolescentes, adultos as ferramentas das quais poderão lançar mão para construir e reinventar a sua humanidade. E quando temos a compreensão aguda de que os gestos educacionais, são gestos de zelo pela humanidade dos aprendizes, compreendemos sem objeção que o ato educacional é cuidado.

Novamente, no livro “Solte os cachorros”, de Adélia Prado, há uma prosa que nos ajuda com esta reflexão. Ela não se refere ao ambiente escolar ou ao trabalho docente, mas nos oferece subsídios para intuir que quem optou pela docência tem, duplamente, a tarefa de cuidar. Cuidamos das crianças por uma impagável dívida que temos com aqueles que cuidaram de nós e nos asseguraram as condições para que construíssemos a nossa humanidade. Familiares, amigos, docentes... Cuidamos das crianças porque a docência e a educação cumprirão o seu papel mais fundamental quando compreenderem que enquanto ensinamos a rolar, cantar, ler, somar estamos colaborando com esta atividade específica do ser humano que é educar-se para ser. Atividade que depende que outras mulheres e homens ajudem as crianças, jovens e adultos nesta construção de si. Como diz, Merleau-Ponty (1998, p. 251), o nosso testemunho oferece linhas pontilhadas que cada um, a seu modo, ligará para construir o seu próprio jeito de ser no mundo com os outros seres humanos.

Escreve Adélia Prado na prosa 11:

COISA JECA é sapato machucando. Antes, quando eu era mais pitinbada, sapato novo era manqueira, calo d'água e sofrimento, aquela feiura. Hoje não, compro sapato de qualquer moda, ando, ando, nem uma bolha não me dá. Será o pé ou o sapato que sabe que agora sou a feliz proprietária do KING OF ALMÔNDEGAS? A gente passa a maior parte da vida perguntando e resposta que é bom, neça. Não é uma vida exemplar esta que tira de um velho o doce modo de ser um homem com netos: "Me dá meu troco, seu ladrão, vai roubar sua mãe", isso, no ônibus cheio, mulher de maneira aberta, cara retensa comprando briga com o mundo, menino de sete anos com carinha de cinco, suadeira, calorão, muda de rosa me espetando, carne moída vazando na sacola de lona, a bela mancha horrorosa de quando eu tinha dez anos e saí apavorada: mãe mãe, será o tomatinho azedo que eu comi demais? Me vale Santa Teresinha que eu tou é tuberculosa. Ai, regra pras coisas, receita pra eu seguir em cima da mosquita, isso que é bom não existe. Doutor tem um ponto de vista, padre tem outro, especialista dos nervos manda menina de quatorze anos chamar a mãe por aquele nome que começa com "feda", dizendo que junto com o nome saem as nervosias da criança. Nervosia todo mundo tem, agora, que isso cura com insulto é a primeira vez que vejo falar. Bom pra menino é respeito e pra chique é chá de erva-cidreira. Deixam os coitadinhos dos inocentes ao deus-dará, não tocam a mão em vara, nem correia, a fim de ser

moderninhos e no fim é essa desorientação, psicologia em cima dos coitadinhos que não têm culpa de nada. A coisa mais triste que eu já vi é suicídio de criança, eu fico adoecida só de ter esse pensamento, os cabelos do meu corpo ficam em pé diante dessa coisa que consegue ser a mais horrorosa de todas. Eu peço a Deus, começando do tutano dos meus ossos, que livre os meninos de nós todos, sem escapar nenhum, desse tremendo horror, peço à Sagrada Família que faça a nossa casa ter uma natureza de alegria, um sentimento seguro, formado pela cantiga na boca, pela mão cosendo, cozinhando, acarinhando, sem as profundas vaidades que esvaziam o coração e nos deixam tão fracos. Obrigação nossa, de pai e de mãe, é dar amor perfeito, é falar olha fulano é assim, assim, assado, Deus existe, esta vida tem fim, estamos aqui é emprestados, a fim de fazer o bem, amar nossos semelhantes. É debater com eles quando a tiririca das más companhias e das influências ruins ameaçarem a lavoura. Eu tenho pra mim, depois que a gente tem filho só existe uma tarefa pra fazer: cuidar deles. O que está mais perto do amor de pai e de mãe é ódio de pai e de mãe. Que graça tem meu boteco prosperar se faltar alegria dentro da minha casa? Segue o fio da amargura das pessoas pra ver onde ele vai parar: esbarra no pai e na mãe. Não tou falando que bondade de pai e mãe acaba com o sofrimento das pessoas, não; seria muito analfabetismo da minha parte, sofrimento é destino de todos, porque somos filhos de Adão. Eu só quero dizer que se a gente esforçar pra ser pai e mãe com decência, parar de pensar na gente, pra incomodar mais com estes que nós pusemos no mundo, eles vão dar conta de sofrer sem perder a esperança. Tira essa pra ver quem aguenta o baralhado. Nem animador de televisão com rios de dinheiro, nem cantor de cartaz, nem quem faz livro muito admirado. Eu erro com os meus, comigo erraram meu pai e minha mãe, mas com um detalhezinho que eu não posso esquecer: quando eu tive aftosa, aquela doença de gado, eu já era cavaloria, o pai me punha no colo pra me distrair, andava comigo na beira do ribeirão mostrando uma coisa, outra, apanhando um ramo com uma florinha, limpando minha baba roxa de violeta genciana, falando cê vai sarar, fia, vai sarar logo. A mãe era um estrago de braba, mas quando eu lembro dela me castigando com o safanão do pente na cabeça e me fazendo dois molhos de cachinhos pra eu ir bonita pra escola, me dá um engasgo, uma saudade sem remédio, uma vontade de ser pobre igual antigamente, só pra escutar ela falar: "Já tá ficando mocinha, umas roupinhas melhores..." e o pai: "Moça bonita precisa disso não...". Eh, meu Deus, quanto jeito que tem de ter amor! (PRADO, 2006, p. 37 -39)

O afeto de Paulo nos desafia ao compromisso; o cuidado de Adélia nos lembra o dever humano de cuidarmos uns dos outros! Adélia e Paulo nos instam a reconhecer a relação entre educação, afeto e cuidado.

O instante nos ajuda a ver que, talvez, isso seja o fundamental em educação.

Referências.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1998.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

PRADO, Adélia. **Cacos para um vitral.** São Paulo: Parma editora, 1991.

PRADO, Adélia. **Os componentes da banda.** São Paulo: Siciliano, 1992.

PRADO, Adélia. **Solte os Cachorros.** Rio de Janeiro: Record, 2006.

DOURADO, Wesley Adriano Martins. **Considerações filosófico poéticas sobre o corpo, cotidiano e educação: um tributo a Adélia Prado.** Tese de Doutorado. UMESP, 2017.